



Afinal os jovens rurais não querem fugir para a cidade

DADOS

A conclusão óbvia
O relatório deixa ainda um aviso: sem investimento em transportes, emprego digno, participação jovem e serviços públicos adaptados aos territórios, o despovoamento será inevitável.

Transportes

A dependência do carro próprio é elevadíssima. No Interior faltam estruturas ferroviárias, redes de miniautocarros e até partilha de carros.

76%

Permanecer na terra
Mais de 76% dos jovens rurais inquiridos querem permanecer nas suas terras de origem.

Relatório europeu contraria ideia de abandono do Interior. Os mais novos querem ficar nas suas terras, mas exigem transportes e emprego digno

António José Gouveia
antonio.j.gouveia@jn.pt

TERRITÓRIO A ideia de que os jovens estão a abandonar em massa o Interior pode estar profundamente desatualizada. Um relatório europeu recente conclui que 76% dos jovens rurais querem permanecer nas suas terras de origem, um dado que desafia décadas de narrativa sobre o êxodo rural e levanta uma questão central: afinal, o problema está nos territórios ou na falta de condições para eles viver?

O estudo a que o JN teve acesso, intitulado "Here to stay? The transitions of rural youth before and after the Covid-19 pandemic", foi coordenado pelo inves-

tigador do CIS-Iscte, o português Francisco Simões, e analisou a realidade de mais de 2500 jovens, entre os 18 e os 30 anos, em 14 países europeus. A conclusão é clara: a maioria não quer sair. Quer ficar, mas não a qualquer custo.

"Este resultado é, de facto, surpreendente", admite Francisco Simões, sublinhando que contraria a tendência identificada em estudos anteriores. "Estamos a falar, em grande parte, de jovens qualificados, que tradicionalmente seriam os primeiros a sair. E, ainda assim, querem permanecer".

Mas essa vontade esbarra em obstáculos concretos. Os jovens rurais não recusam os seus territórios, re-

jeitam a ausência de oportunidades. O relatório aponta três exigências principais: melhores acessibilidades, emprego com qualidade e maior acesso à educação e formação.

A mobilidade surge como um fator crítico. Sem transportes públicos eficazes, o acesso ao emprego torna-se limitado e desigual. Não por acaso, ter carro próprio foi considerado o fator mais importante para conseguir trabalho. "Os jovens estão a optar por soluções de comutação para permanecer", explica o investigador. Ou seja, aceitam deslocar-se para trabalhar ou estudar, mas querem manter raízes no território.

FALTA DE TRANSPORTES

Perante esta realidade, o relatório propõe soluções como sistemas de partilha de viaturas através do "carsharing" e "carpooling", especialmente em zonas mais remotas. "Além de reduzirem o isolamento, são soluções mais sustentáveis e menos dispendiosas", defende Francisco Simões.

Apesar do aumento das qualificações académicas, persistem desigualdades relevantes. Em Portugal, a percentagem de jovens com Ensino Superior continua significativamente mais baixa nas zonas ru-

rais do que nas urbanas. Ao mesmo tempo, o mercado de trabalho local oferece, muitas vezes, empregos precários, pouco qualificados e sem perspetivas de progressão.

"O emprego disponível é frequentemente de baixa qualidade, sem vínculo, proteção social ou sentido de propósito", afirma o investigador. Ainda assim, isso não altera a conclusão central: os jovens não querem sair, querem condições para ficar.

Outro dado relevante

POLARIZAÇÃO

A quebra do "elevador social"

O relatório aponta para a quebra do chamado "elevador social". "Há filhos que ficam aquém dos rendimentos e do estatuto social dos pais. Isso é profundamente corrosivo porque põe em causa o pacto social", afirma Francisco Simões, que o associa a uma maior polarização. A situação agrava-se nas regiões mais afastadas dos centros urbanos.

ID: 122912697

07-05-2026



O desafio é evitar que os jovens sejam forçados a sair

Relatório diz que Estado falha ao ter uma visão burocrática

Cidadania é negada ou incerta em Portugal

INTERIOR Os jovens rurais querem ficar nas suas terras, mas sentem-se abandonados pelas políticas públicas e excessivamente dependentes da família para construir um futuro. O alerta é deixado por Francisco Simões, que acusa os Estados de manterem uma visão “burocrática” e pouco eficaz sobre a juventude rural.

O estudo europeu identifica Portugal como um caso de “cidadania negada” e “cidadania incerta”, conceitos usados para descrever países onde os jovens recebem pouco apoio estatal e dependem fortemente das redes familiares para conseguir estabilidade económica e integração profissional.

ENCONTRAR TRABALHO

“Os serviços públicos de emprego persistem em abordagens demasiado burocráticas e despersonalizadas”, critica Francisco Simões. Os números reforçam essa desconfiança: apenas 18% dos jovens rurais recorrem aos serviços públicos de emprego. A maioria encontra trabalho através de contactos informais – família, vizinhos e conhecidos – o que, segundo o investigador, revela uma fragilidade estrutural do Estado social nos territórios do Interior.

Francisco Simões considera que as políticas nacionais continuam a ignorar a especificidade da juventude rural. A maioria dos países não reconhece explicitamente os jovens rurais como um subgrupo político distinto. Em vez disso, são integrados em políticas genéricas da juventude, frequentemente “sem especificidade” e incapazes de responder aos problemas concretos. ● A.J.G.

prende-se com o papel das redes informais. Família, amigos e vizinhos continuam a ser determinantes no acesso ao emprego e na qualidade de vida. Longe de serem um sinal de atraso, estas redes funcionam como verdadeiras infraestruturas sociais que sustentam a permanência dos jovens nos territórios rurais.

APOIO DA COMUNIDADE

“A qualidade das relações é crucial. O apoio informal está diretamente associado à satisfação com a vida e à decisão de permanecer”, sublinha Francisco Simões. Em muitos casos, são também estes laços que explicam o regresso de jovens que chegaram a sair.

O relatório desmonta ainda a ideia de que a falta de oferta cultural afasta os mais novos. Pelo contrário, os jovens rurais valorizam sobretudo atividades ao ar livre e ligadas à natureza, embora isso não signifique que dispensem investimento cultural.

No fundo, o estudo aponta para uma inversão do problema: o desafio não é convencer os jovens a regressar ao Interior, mas evitar que sejam forçados a sair. O que está em causa não é o apego ao território, é a capacidade de construir nele um futuro. ●

“Precisamos de ficar por cá e de defender a região”

Maria Seixas teve oportunidades de trabalho em cidades maiores, mas encontrou a paz em Bragança onde trabalha na sua área, em Agronomia

PCJR
Glória Lopes
sociedade@jn.pt

A Maria Seixas nunca lhe passou pela cabeça sair de Trás-os-Montes. Mesmo quando terminou a licenciatura em Agronomia na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), em Vila Real, e começou a vislumbrar que muitos colegas rumavam para as grandes cidades do Litoral na demanda de emprego. Chegou a temer partir, mas o seu desejo foi sempre viver e trabalhar no Interior.

Acabou por conseguir ficar no Nordeste Transmontano e trabalhar na área de formação, como técnica de investigação no MoreColab - Laboratório Colaborativo Montanhas de Investigação, em Bragança, onde está há um ano e meio, depois de ter entrado primeiro para o polo de Méda, no distrito da Guarda.

“Tive uma oportunidade de vir para Bragança e vim porque é a sede e tenho maiores oportunidades e melhores desafios, pois os projetos que desenvolvemos são muito focados na zona de Bragança”, explicou a jovem de 31 anos que quis aproveitar “o potencial de crescimento na carreira” em Bragança, que à partida é maior do que em Méda, uma vila. Mesmo no Interior há assimetrias entre as vilas e as cidades.

Nascida e criada em Trevões, no concelho de São João da Pesqueira, Maria preferiu estudar e trabalhar na região: “Eu gosto do Interior, da vida calma, sem tanto stress como nas cidades grandes. Eu cresci

numa aldeia, fui estudar para Vila Real e depois vim para Bragança. Não gosto de confusões e Bragança enquadra-se no que gosto”.

Ter conseguido “um bom posto de trabalho” na sua área de formação foi determinante para ficar em Trás-os-Montes, bem como a qualidade de vida, pacata, numa cidade pequena: “Tive oportunidades de trabalho em cidades maiores, mas não me identifiquei com elas. Além disso, precisamos de ficar por cá e de defender a nossa região, que está a ficar desertificada. Vejo pela minha terra. Quando eu era criança, na rua onde vivia moravam 20 pessoas, agora só lá estão os meus pais e mais

uma família. Não há lá jovens, as escolas fecharam por falta de alunos”.

Mesmo que tivesse uma oportunidade de trabalho “muito boa” no Porto ou em Lisboa, tão atrativa que a aceitasse, Maria diz que “não seria fácil a adaptação à velocidade de uma grande cidade”, onde também há mais competição.

MAIS TEMPO E LIBERDADE

“Não me dou com confusões, muito trânsito, filas para tudo. Cresci numa aldeia e habituei-me àquela paz”, acrescenta, sublinhando que “a proximidade entre casa e trabalho, a dois minutos”, lhe dá liberdade para fazer outras coisas: “Tenho mais tempo

disponível do que se passasse uma hora no transporte para ir trabalhar”.

Maria Seixas conseguia ficar a trabalhar em Méda. Porém, como gosta da área de investigação, seria mais difícil ficar por lá. “Surgiu a oportunidade no Colab-More, em Méda, e agarrei-a logo, mas antes disso trabalhei numa empresa de vinhos na minha terra”, indica Maria, que trabalha integrada numa equipa jovem com pessoas de várias zonas do país e de muitas nacionalidades. “Os salários são apelativos e a progressão na carreira também, além disso estão relativamente perto dos meus pais”, acrescenta.

A jovem sabe que teve alguma sorte. “Da minha turma na escola primária, só eu e outra pessoa é que fomos para o Ensino Superior. Os outros fizeram o 12.º ano, foram trabalhar e foram embora da região”, recorda a investigadora. ●

“Eu gosto do Interior, da vida calma, sem tanto stress como nas cidades grandes. Eu cresci numa aldeia. Não gosto de confusões e Bragança enquadra-se no que gosto”



Maria Seixas é técnica de investigação no MoreColab, em Bragança

ID: 122912697

07-05-2026

